



EDUCAÇÃO, AUTORIDADE E FORMAÇÃO HUMANA¹

EDUCATION, AUTHORITY AND HUMAN EDUCATION

Luiz Felipe Vieira Amaral², Emanuel dos Santos³, Patrícia Feiten Pinto⁴

¹ Escrito desenvolvido a partir do grupo de pesquisa *Ágora: interfaces entre filosofia, psicanálise e educação*, inserido na linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.

² Mestrando em Educação nas Ciências, e-mail luiz.amaral@sou.unijui.edu.br. Bolsista CAPES.

³ Mestrando em Educação nas Ciências, e-mail emanuel.santos@sou.unijui.edu.br. Bolsista CAPES.

⁴ Doutoranda e mestra em Educação nas Ciências, e-mail patricia.feiten@sou.unijui.edu.br. Bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO

De acordo com a psicanálise, filosofia e antropologia, o ser humano emerge ao mundo em uma condição de desamparo, necessitando ser acolhido e humanizado por outros seres já inseridos em um contexto social e cultural. Desse modo, a autoridade apresenta-se como um elemento fundamental para formação humana e reconhecimento civilizatório. Em outras palavras, o sujeito só pode aparecer quando é filiado e atravessado pelos laços estabelecidos com aqueles que vieram antes.

Antes, porém, é preciso destacar que a autoridade elencada neste escrito não diz respeito aos atos de autoritarismo, convencimento, ou argumentos como afirma Arendt (2009 [1906-1975]), mas tal fenômeno se encontra na ordem da transmissão da tradição e das imposições das leis as novas gerações. Sendo que é por esse viés que podemos pensar em um mundo humano ilimitado e organizado.

Para psicanálise a autoridade está relacionada com a função paterna, isto é, uma função que estabelece a ordem e a organização civilizatória. No entanto, com o advento da modernidade, os atravessamentos estabelecidos entre autoridade e função paterna entram em crise, no sentido de que “cada indivíduo se crê pai de si mesmo, sem dívida nem compromisso com os antepassados, incapaz de reconhecer o peso do laço com os semelhantes, vivos e mortos, na sustentação de sua posição subjetiva” (KEHL, 2002, p. 13).

Posto isso, o presente trabalho tem como objetivo situar a noção de autoridade, função paterna a partir dos atravessamentos provindos da passagem moderna e seus desdobramentos



na cultura humana. Assim, será sistematizada uma reflexão acerca dos efeitos de tal fenômeno na formação das novas gerações. Este estudo vincula-se ao grupo de pesquisa *Àgora: interfaces entre filosofia, psicanálise e educação*, inserido na linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

METODOLOGIA

Esse estudo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, com aporte crítico-hermenêutico. A orientação hermenêutica é atravessada pelos aspectos subjetivos inevitavelmente implicados na relação entre sujeito pesquisador e objeto analisado. Busca também compreender o fenômeno pela interpretação dos sentidos produzidos pelos discursos plasmados em textos, os quais configuram aquilo que se denomina tradição do pensamento. A dimensão crítica analisa as contradições e a dinamicidade do contexto no qual o fenômeno ou objeto está inscrito, além dos conflitos teóricos que perpassam a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O campo da educação é objeto de discussões entre pais, professores, cuidadores e responsáveis pela transmissão do mundo. Neste sentido, educar é um ato que mantém diferentes gerações ligadas, por um laço que liga a humanidade às tradições. No entendimento de Lebrun (2008), ao evocar o lugar da autoridade está se apontando, também, uma assimetria de posições. É nas diferenças de lugares entre pais e filhos, alunos e professores, anciãos e novos, que se produz uma atadura entre laço social e subjetividade.

Com relação a isso, Arendt (2009 [1905-1975]) aponta que o humano precisa ser banhado por conteúdos que estejam relacionados às recordações, pois a tradição é um fio de ligação no qual cada linhagem transmite seus ensinamentos, desta forma, é responsabilidade das gerações o ato de civilizar. Renault (2005), enfatiza o lugar exercido pelos pais como algo temporário e destinado a esvaziar-se, uma vez que, os filhos serão os herdeiros da história, dos tratados e dos firmamentos que constituíram a posição ocupada pelas figuras parentais. Em suma, os filhos são os sucessores do que veio antes e responsáveis pelas novas páginas inscritas no campo civilizatório.

Nas palavras de Endo (2011), toda tradição necessita ser zelada e salvaguardada pelos descendentes com a finalidade de se projetar um futuro. Ou seja, o mundo se faz por um



projeto de solidariedade em que cada descendência transmite suas origens. Neste ato, está impregnado o cuidado, o zelo e a preservação das novas linhagens. Renault (2005), faz um panorama das novas relações e relata que a modernidade traz consigo um descuido com os semelhantes e com cada recém chegado. Em outros termos, todas as preocupações tecidas ao longo da história com o processo de educar são deslegitimadas pelo declínio da autoridade adulta.

Em relação ao lugar da autoridade na modernidade, Lebrun (2008) destaca:

A crise geral da legitimidade que afeta nossas sociedades modernas acabou atingindo, sabemos, os próprios pais. Se essa mutação atinge assim a educação, diz respeito até à construção da subjetividade e suas consequências arriscam ser determinantes para todos. Ainda mais que é por excelência a educação que vai atar o laço social e subjetividade. Evocamos longamente mais acima a fisionomia da mudança atual e do efeito de confusão que ela pode provocar. Temos agora que precisar com maior rigor possível como esse fenômeno radical produz seus efeitos em matéria de educação. Efeitos necessariamente importantes já que a grande confusão que identificamos incita a apagar toda hierarquia dos lugares, até e inclusive a primeira de todas, a mais evidente até bem há pouco para qualquer um, aquela induzida pela diferença de gerações. O que mais desusado, hoje em dia, que uma famosa fórmula como “ Honrarás teu pai e tua mãe” na maioria das famílias? (p. 179).

Assim, a modernidade aponta para uma desregulação do lugar de autoridade, na medida que acompanhamos uma deslegitimação do lugar entres educadores e educando, ocasionando um descrédito nos ensinamentos proclamados na família, na escola e nas esferas públicas. Vale destacar que a modernidade advém das inúmeras transformações no contexto econômico, social e político, sendo que o ser humano passa a ser reconhecido pela sua subjetividade

Desse modo, “anterioridade, alteridade, autoridade caminham juntas. Se esse outro faltar à chamada, é a transmissão entre as gerações que é comprometida” (LEBRUN, p. 182, 2008). Nessa lógica, os recém chegados ao mundo precisam honrar os compromissos ditados pelos que chegaram antes, em razão destes serem guardiões da civilização. É por meio desse encontro que nasce a cultura e todo o advento da vida humana.

Sendo assim, Pereira (2008), destaca que o campo cultural é inscrito pela função paterna, no entanto não trata-se de um pai da realidade, mas de um operador simbólico que está inscrito na origem da civilização.

Ao falar da origem da função pai, Freud (2012 [1912-1914]), escreve:



Naturalmente não há lugar, na horda primeva de Darwin, para o início do totemismo. Um pai violento e ciumento, que reservava todas as fêmeas para si e expulsava os filhos quando crescem, eis o que ali se acha. Esse estado primevo de sociedade não foi achado em nenhuma parte. [...] certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminado com a horda primeva. Unidos ousaram fazer o que não seria possível individualmente. (Talvez um avanço cultural, o manejo de uma nova arma, tenha lhes dado o sentimento de superioridade). O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais. Sem dúvida o pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início muita coisa: as organizações sociais, as restrições morais e a religião (p. 216-217).

Essa tragédia ocorrida na horda primeva, aponta para o início de uma horda social e fraternal, visto que manifesta-se em cada membro um sentimento de culpa pela morte do pai e um arrependimento. A partir disso os irmãos decretaram a proibição do incesto entre os tribais e constituíram a fundação da sociedade que é regido por tabus, leis e proibições. É importante destacar que fica como compromisso cultural a transmissão desses tratados, e sua perpetuação ocorre pelo discurso da educação. Educar no sentido de civilizar e instituir uma moral.

Assim, a autoridade também implica na construção e manutenção da sociedade e isso requer uma abertura para o diálogo e para as interpretações que serão formuladas a partir disso. A autoridade se constitui, se sustenta e se reafirma através da relação intersubjetiva. Então, ocupar um lugar de autoridade no mundo humano não é só transmitir a tradição, mas é instigar e incomodar as novas gerações para que eles, além de entenderem e respeitarem o outro e os pactos civilizacionais, aprendam a interpretar e a reconstruir juntos o mundo comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos refletidos, podemos compreender que a autoridade é um elemento fundamental para formação e organização humana, considerando, sobretudo, que cada nova geração necessita ser atravessada pelos registros da tradição. Com isso, a autoridade não diz respeito aos atos de autoritarismo ou argumentativo, mas no estabelecimento de vínculos que possibilitam a transmissão da tradição para os descendentes. Para a psicanálise, a noção da função paterna se configura como um importante significante, pois possibilita que a família e escola possam educar uma criança.



A partir dos desdobramentos da modernidade, o significativo do Nome-do-Pai, enquanto representação lei e lugar simbólico da autoridade, tem enfrentado uma crise no que diz respeito ao seu lugar. De outro modo, a partir desse contexto, a noção da função paterna e da autoridade foram tomadas pela deslegitimação de seus lugares, ocasionando um esvaziamento da transmissão de mundo. Assim, compreendemos que com a crise nessa função, a ação da autoridade também se enfraquece, no sentido que transmitir o mundo e fazer intervenções se torna um fardo para os que encarnam esse lugar.

Palavras-chave: Educação. Autoridade. Função paterna. Formação Humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva (Originalmente publicado em 1905-1975). 2009.

ENDO, Paulo. Um Futuro Sem Origem: transmissão, autoridade e violência. *In*: Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org). **Autoridade e violência**. Porto Alegre: APPOA, 2011. p. 68-81

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras (Originalmente publicado em 1912- 1914), 2012.

KEHL, Maria Rita. O Homem Moderno, O Desamparo e o Apelo a Uma Nova Ética. *In*: **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 39-75

LEBRUN, Jean-Pierre. **A Perversão Comum**: viver juntos sem o outro. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. **A Impostura do Mestre**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

RENAULT. Alain. **O Fim da Autoridade**. Tradução de Felipe Duarte. Lisboa : Instituto Piaget, 2005.